

Corpus como mídia: ferramentas midiológicas e videosfera

Larry Antonio Wizniewsky

Laboratório Corpus: fontes de estudos da linguagem
FIDENE – Universidade de Ijuí (UNIJUÍ)

Gostaria de iniciar esta comunicação lembrando um samba clássico, que comemora em 1999 vinte cinco e cinco anos de vida. Trata-se de **De frente pro crime**, parceria genial de João Bosco de Aldir Blanc e cujos primeiros versos são: “Tá lá o corpo estendido no chão/ Invés do rosto a foto de um gol”. Para as dimensões deste debate, a questão é mais ou menos análoga: eis aí o corpus estendido à nossa frente, ao invés de um rosto, a mídia do dia que esconde sua possível identidade. No samba, o protagonista acaba “fechando a janela/ de frente pro crime”. Nós portanto, estamos reabrindo aqui a janela, de frente pro corpus.

Roland Barthes em sua inusitada autobiografia teórico – prática, intitulada sintomaticamente, **Barthes por Barthes** propõe a respeito do corpus, que ele é uma bela idéia, se o somente se, nos condicionarmos a ler nele o *corpo*. Ele define o corpus como “conjunto de textos retidos para o estudo” (BARTHES, 1982: 171). Há nessa retenção ecos freudianos inequívocos, que nos levam a pensar na fase anal (ítica) que toda seleção de um corpus pressupõe ou exige. Evidentemente o correlato objetivo que Barthes propõe, para além desta constatação, é que se tenha com o corpus uma relação amorosa, a que poderíamos chamar fálica. Sem este *amor*, para Barthes o “corpus não é mais que um **simples** imaginário (grifo nosso) científico” (BARTHES, 1982: 171). A conexão entre, a retenção de textos para estudo, e este *simples* imaginário científico, que é o corpus sem algum

investimento amoroso, é o enigma que nos propomos a trabalhar neste texto. No mesmo raciocínio sobre corpus, Barthes nos remete diretamente a Nietzsche, quando este nos obriga a raciocinar com as premissas de que “só somos científicos por falta de sutileza”(BARTHES, 1982: 173). Há portanto, a partir de Barthes, dois pólos em questão:

1) a retenção do texto/ objeto para fins de estudo, como recalque e 2) a necessidade de um *amor* por este objeto retido, tanto em sua estrutura quanto em suas figuras de enunciação.

Para ampliar o espectro desta discussão, proporei um terceiro elemento que é: c) a dispersão do resultado desta relação amorosa na esfera pública, através de um processo de mediação e que toda a instituição (retentiva) de um corpus científico necessariamente implica.

Entendo portanto que a escolha e definição de um corpus científico é essencialmente o início de uma ação comunicativa.

Jurgen Habermas estabelece a *ação comunicativa* como um processo interativo de transmissão e renovação do saber cultural do ponto de vista da inter. compreensão e da formação de identidade pessoal. Neste sentido o termo comunicação é tomado em seu sentido mais amplo. Não se refere apenas à construção de uma pesquisa científica, através da definição de seu corpus, mas também à estruturação das relações de comunicação que ela pode estabelecer neste trajeto. Para que nos mantenhamos ainda na *sexualização* barthesiana, a relação pesquisa/delimitação do corpus depende de como se possa marcar (fantasmar) nele a prática amorosa à qual já o submetemos previamente em pensamento.

Barthes propõe aí, nominalmente, etapas “sexy” (sic) que vão daquele perturbador “isolamento inicial” do pesquisador à interação metaforicamente sexualizada do leitor. Ele se vinculará à promessa que lhe é feita e graças a um “gozo que sabe o que quer” inerente a todo o texto que parte da delimitação de um corpus. Este gozo, com toda certeza, está submetido por necessidade, a um processo de *mediação* que o transformará em ação comunicativa. Podemos depreender desta metáfora (delirante, até certo ponto apenas) que, se o *eu* do pesquisador mobiliza o *imaginário científico* (Barthes dixit) para, amorosamente, transformá-lo em corpus, o *você e o eles* da outra ponta da ação comunicativa mobilizam a *paranóia* da mediação, estabelecida no *para quem escrevo o trabalho?* De que forma será decodificado? Neste quadro hipotético a escolha de um corpus é uma espécie de *teletransporte* intelectual.

Através da escolha, nos solidificaremos em relação a um objeto imaginário e que devemos construir para amar. Sem o que, pela última vez segundo Barthes, esta escolha e seu objeto não são mais do que um fantasma. A comunicabilidade é uma categoria estrutural desta escolha, e a seleção de um corpus amável só é possível, se levada em conta, a sua condição de comunicabilidade. É para determinar essa inclinação do discurso, por um destino do sujeito, que a *Midiologia* será invocada neste percurso.

A midiologia é uma criação (desde o neologismo) de Régis Debray que, através dela, procura dimensionar a ditadura do conceito de *MÍDIA* na sociedade contemporânea. A mídia para Debray, são os processos de transmissão das mensagens utilizadas em cada época. São processos, e não meios simplesmente. Aí se estabelece uma diferença fundamental. Para estruturá-la Debray subdividiu a história cultural da humanidade em três etapas ou esferas. São as grandes dimensões concêntricas dos microprocessos culturais que vão, desde a totalidade da humanidade, até a instância do indivíduo: LOGOSFERA/ GRAFOSFERA/ VIDEOSFERA. Na primeira, há uma predominância da palavra falada, na segunda da palavra impressa e na terceira da palavra em tela-monitor. Estamos portanto, aqui no Brasil e no terceiro mundo, numa transição entre a grafosfera e a videosfera. É lógico e natural que tal estado de coisas implique em uma desestabilização dos campos de conhecimento e de sua transmissão. Segundo Debray, a midiologia é o estudo, no âmbito destas esferas das mediações pelas quais “uma idéia se torna força material”(DEBRAY, 1994: 77). Qualquer

semelhança com a escolha e delimitação de um corpus, nesta transição, não será nem de longe mera coincidência. O que é um corpus, e em última instância sua escolha, senão a transformação de idéias em forças materiais? Em midiologia, *mídia* designa, em primeira abordagem, o conjunto, técnica e socialmente determinado, dos meios simbólicos de transmissão e circulação de idéias. Incluamos aí, neste conjunto, o termo *cientificamente determinado*, e teremos o casamento entre corpus e midiologia. Comunicação pressupõe retorno, feedback, da mesma forma que a escolha (retenção) de textos para estudos deve(ria) pressupor. Para Debray, um dos grandes méritos que a midiologia possui é o de unir *conhecimento* com *técnica*. Para ele, a oposição entre os dois não passa de uma ditadura formal do saber. Por isso mesmo há um caráter de *retorno às bases*, ou de humildade mesmo, na perspectiva midiológica. Ao criar a midiologia, Debray a via como nada mais que uma forma de trabalhar a transmissão de idéias na sociedade. Essa redução ao seu sentido de veículo, de uma palavra (*mídia*), inflacionada pelo uso e substituída sistematicamente pelo objeto (a TV, o rádio, etc.), nos permite aproximar então *corpus* e *midiologia*. Isso para que possamos afirmar nossa tese que: o corpus pode ser estruturado com uma mídia.

A midiologia, vista como modelo de análise, permite e possibilita lançarmos a escolha de um *corpus científico* no mesmo patamar com que um comunicador escolhe a mídia mais adequada para as transmissões de suas *idéias* (e não de suas mensagens, como normalmente se crê). Assim, o que deve interessar num debate sobre o corpus é: qual a eficácia simbólica e científica deste corpus, sem a rede de segurança do feedback. No fundo, como insinua Debray, a eficácia simbólica é o modo com que as idéias se socializam. O próprio *retorno* de percepção das mensagens midiadas, no sentido convencional, é auferido com altos índices de indeterminação e subjetividade. O que garante o sucesso de transmissão e recepção de um corpo de idéias é, na vidiosfera, muito mais a homogeneidade da massa do que a originalidade do recorte epistemológico de uma idéia.

A midiologia, ou melhor, o corpus entendido como mídia, permite ao pesquisador entrar na *lógica interna* do objeto como uma necessidade, pois a variação de suportes altera o significado da mensagem. Por isso é absolutamente natural que, na transição da grafosfera para a vidiosfera, todos os nossos conceitos sobre construção e delimitação de um corpus sejam revistos.

Hoje, no mesmo momento em que, digamos, uma dissertação de mestrado estiver sendo defendida, uma grande quantidade de dados, que podem até (hipótese apocalíptica) invalidá-la, estão circulando em rede, com velocidade inaudita, datando-a de qualquer forma (hipótese integrada).

Como afirma Debray, a midiologia quer ir além da semiótica, “integrando e compreendendo o signo na sociedade”. Um projeto pessoal de pesquisa e a escolha necessária de um corpus não poderiam, sob a perspectiva de midiologia, pautar-se por menos do que isso. É de se notar que o objeto de uma transmissão midiologicamente, não existia antes do processo de mediação. O Marxismo foi a mediação das idéias de Marx. Assim o objeto se constitui na transmissão, e não antes dela. Da mesma forma um corpus, (sua escolha, delimitação e coerência interna) só ganharão significado se este, midiologicamente, for compreendido como um objeto que se cria *na transmissão*, e não simples escolha. Com isso, inverte-se um pouco, mas significativamente a ordem dos fatores. O corpus remete a uma pragmática. Como um *meio de comunicação* (mídia), ele remete a uma tecnologia do pensamento.

A dificuldade metodológica nessa proposição, de estruturar-se o corpus como uma mídia, deve-se ao fato de que a definição sobre como uma idéia toma *corpo* no corpus, exige uma inversão de fluxo. Não se trata mais de decifrar o *mundo do corpus* ou seus elementos constituintes, mas sim o seu *tornar-se mundo*, isto é, o processo. Nesta perspectiva, a questão da substância enunciativa, saía na tripartição, tal como a concebe Hjelmslew, entre

matéria/substância/forma. É, portanto, esta substância que permite o paralelismo entre a substância enunciativa do corpus e a forma pela qual “uma idéia se torna força material”. Corpus e mídia são matéria, com substâncias e formas específicas, que podem funcionar de maneira análoga.

Assim, para orientar-se um aluno na escolha e definição de um corpus de trabalho (ou nos orientarmos) é possível refazer-se o percurso dos 4 M. de Debray, que representam objetivamente as quatro etapas do percurso midiológico.

- a) M de mensagem, como militância, messianismo, ministério. O corpus é uma mensagem de comunicação, que pode ser codificado dentro de um sistema jakobsoniano clássico.
- b) M de médium, como memória, material, maquinaria. O corpus é um meio de comunicação cuja escolha deverá ser feita da mesma forma como se escolhe a mídia mais adequada para a veiculação de uma mensagem.
- c) M de meio, como mundo, modo, macrossistema técnico. O corpus deve adequar-se, como mídia, ao macrossistema a que se dirige e onde inteiram-se (academia).
- d) M de mediação, como mistura, maldição, milagre. Cada mensagem gerada no corpus e dele emanada tem um momento hic et nunc.

O médium utilizado (o corpus) pertence a uma época, o meio acadêmico e é uma sedimentação secular. Já a mediação é transitória, tal como a sociedade da comunicação.

Humberto Maturana e Francisco Varela desenvolveram há três décadas o conceito de *autopoiese* (autoprodução), para descrever aquilo que chamavam de “máquinas vivas”. Para os chilenos, a comunicação produzida por estas máquinas vivas é, antes de mais nada, coordenação de comportamento, conceito hoje consagrado no estudo das mídias de massa. Para a instância inversa, do indivíduo/pesquisador, a mídia (veículo) dessa coordenação pode, e em nossa opinião deve, assumir a estrutura do corpus, enquanto retenção textual e meio de comunicação. É esse núcleo autopoietico da mídia/corpus que faz com que ele assuma a estrutura de veículo de/da comunicação de idéias, diferenciando-as e dando-lhes o seu valor. O corpus, sob este ponto de vista é, positivamente, uma máquina habitada por inputs e outputs, que tendem a fazê-la funcionar segundo um princípio de eterno retorno. Isso para que mantenhamos ainda a metáfora, (ciência por falta de sutileza) no terreno nietzcheano. Ele implica porém uma complementaridade com o homem que a fabrica.

Assim como Varela caracteriza uma máquina como “o conjunto das inter-relações de seus componentes” um corpus máquina engendra e especifica continuamente sua própria organização e seus próprios limites. É uma relação estabelecida no limite daquilo que Guatari denomina “o atual necessário e o virtual possibilista”.

Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Cultrix, 1982.
DEBRAY, Régis. **Curso de Midiologia Geral**. Petrópolis: Vozes, 1994.
GUATARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1993.
MATURANA, e VARELA. **Máquinas Vigentes**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.